

2.4. A MISSÃO EM SÃO JOÃO

Pe. Francisco Rubeaux, omi

1. RESUMO E OBJETIVO

Resumo

A partir do princípio de que só se existe "missão" quando alguém envia, que alguém é enviado, que alguém é destinatário do envio e que se tem uma mensagem por parte de quem envia destinada aos destinatários pelo intermédio do enviado, destacaremos nesta aula que enfocará a "missão" no Evangelho segundo São João, o Pai que envia o Filho para trazer uma Boa Nova (Evangelho), vida e vida em abundância, para toda a humanidade. Jesus foi enviado como Salvador do mundo (João 4, 42). Tentaremos estabelecer uma visão de conjunto a partir de cada um desses tópicos. Por fim encontraremos uma síntese elaborada da missão numa análise do prólogo (João 1,1 a 18).

Objetivo

No seu contexto comunitário (ver as cartas joaninas), o Evangelho segundo São João poderia parecer, à primeira vista, a memória da pessoa e da prática de Jesus em vista de uma vivência interna das comunidades. É claro que existe um constante atrito entre Jesus e as autoridades, atrito que vem clarear os atritos entre as comunidades cristãs e as autoridades judaicas do tempo. Mas, nesta aula, gostaríamos de destacar e analisar alguns textos joaninos que são fundamentais para a missão. João não se preocupa exclusivamente em transmitir o Espírito de Jesus para uma autêntica vivência cristã. A comunidade se constrói não para ser um clube dos amigos e amigas de Jesus, mas para que, com o testemunho da vivência fraterna, o mundo possa chegar a crer (João 13, 34-35 e 17, 20-21). A comunidade não pertence ao mundo, mas está no mundo e nunca foi intenção de Jesus tirar os seus discípulos do mundo: "Pai, eu não te peço que os tires do mundo, mas que os guardes do Maligno. Eles não são do mundo como eu não sou do mundo" (João 17, 15-16).

João está consciente de que não há comunidade de discípulos e de discípulas de Jesus sem a missão. A comunidade não está voltada para si, mas para o mundo. A comunidade só existe em função de uma missão que é a sua razão de ser.

2. AMBIENTAÇÃO

2.1. Conceitos

O termo "missão" (envio) refere-se, necessariamente, a quatro outros termos. Não há missão se ninguém envia. É verdade que pode acontecer que alguém se apresente como "enviado" sem o ser. Aconteceu no Antigo Testamento com os falsos profetas (Deuteronômio 18,20-22 e Jeremias 14,14). O apóstolo São Paulo na sua segunda carta aos coríntios faz referência a pessoas metidas a evangelizadoras, missionárias, mas que, na realidade, pregam a si mesmas (2 Coríntios 4, 2 e 5; 1 Tessalonicenses 2, 4-5). Em todas as narrações bíblicas, podemos constatar que quem envia é Deus mesmo (Isaías 6, 8). Pode ser que, em seu nome, outra pessoa envie alguém, mas Deus permanece sempre a origem de toda missão (envio).

Se alguém envia, é claro que tem alguém que é enviado. Deus envia os seus mensageiros. O apelo de Deus chamando para enviar pode ser ouvido, aceito, recusado ou simplesmente não escutado. Nas experiências bíblicas, temos todos os exemplos possíveis, desde a espontaneidade de Isaías ("Eis me aqui Senhor, envia-me" Isaías 6, 8)

até a recusa e os motivos de desculpa como Moisés (“Sou gago”, Êxodo 4, 10) ou ainda Jeremias (“Sou jovem demais”, Jeremias 1, 6-7). Há também a recusa total como Jonas que recebeu a missão de levar o apelo divino à conversão em Nínive, que se situa ao leste da Palestina, e embarcou para o oeste. Uma maneira clara de recusar a missão, pois virou as costas a seu compromisso.

Se Deus envia, envia com um objetivo, tem sempre um motivo para o envio. E a mensagem de Deus é sempre uma Boa Nova (Evangelho), mesmo quando se trata de um apelo à conversão, pois dela resultará a felicidade e a paz, como afirma o salmista: “É de paz que o Senhor Deus nos fala” (Salmo 85, 9).

Enfim, para que a missão seja completa, levada ao seu cumprimento, necessita de destinatários. No livro de João, todas e todos são destinatários. Deus não exclui ninguém da boa mensagem que ele comunica por seu Filho. A todas e todos a mensagem é transmitida: mulheres e homens, judeus e gregos (gentios), puros e impuros: a missão é universal.

2.2. Histórico

O livro do Evangelho atribuído ao apóstolo João, filho de Zebedeu e irmão de Tiago, recebeu sua forma final, provavelmente, no fim do primeiro século da E.C. Temos fragmentos desse livro datados dos anos de 120 da E.C., descobertos no Egito no século passado: trata-se dos versículos 31-33 e 37-38 do capítulo 18.

Por três vezes, o livro refere-se à expulsão dos discípulos de Jesus das sinagogas (João 9, 22; 12,42; 16,2). Ora, essa medida foi tomada pelas autoridades judaicas da Academia de Jamnia (Jabné), após a destruição da cidade de Jerusalém e do Templo pelo general romano Tito, no ano de 70 da E.C. Os fariseus, reagrupados ao redor do doutor e mestre, Rabi Johanan ben Zakkai, reorganizam a vida do povo judeu, agora espalhado por todo o mundo habitado. Os judeus não formam mais uma nação, pois lhes falta o principal, que é uma terra, mas continuam um povo e, por isso, precisam se estruturar, se dar normas e referências, salvaguardar a sua identidade como Povo de Deus, manter a sua maneira de viver como judeus.

O livro, na sua elaboração final, ressentia-se desse clima polêmico. Frente às comunidades judaicas de obediência farisaica que estão se organizando, as comunidades do Nazareno precisam também afirmar a sua identidade. Mas o perigo, frente à ameaça judaica, é fechar-se para conservar, preservar essa identidade. O livro de João vai afirmar, alto e bom tom, que para ser uma comunidade de discípulos de Jesus é preciso ser missionária. Não podem ficar voltados para dentro, têm de se abrir, ir ao encontro, como Jesus que foi enviado pelo Pai e que enviou os seus discípulos: “Como o Pai me enviou, eu também vos envio” (João 20, 21). É abrindo para a missão que a identidade da comunidade será fortalecida. Se fechar, é o perigo, é a asfixia.

3. MENSAGEM

Vamos agora retomar cada um dos elementos constitutivos da missão e procurar ver como no livro de João eles são apresentados. Mais do que uma análise pormenorizada de textos, tentaremos formar uma visão de conjunto, abordando vários textos em cada item.

3.1. Quem envia

“Deus amou tanto o mundo que enviou o seu Filho” (João 3, 16). Esse versículo do terceiro capítulo de João não deixa nenhuma dúvida quanto à origem da missão de Jesus, desde já apresentado como Filho.

Antes do envio do Filho, há no livro de João uma outra pessoa apresentada como enviado: “Houve um homem, enviado por Deus, seu nome era João” (João 1, 6). João, que nunca é chamado de Batista no livro do evangelista em questão, e sim de

testemunha, veio com a missão de reconhecer o Enviado de Deus e de apresentá-lo ao povo. "Aquele que me enviou para batizar com água, me disse: aquele sobre quem vires o Espírito Santo descer e permanecer é o que batiza com o Espírito Santo. Eu vi e dou testemunho que ele é o eleito de Deus" (João 1, 33-34). Nesses dois versículos, temos uma ampla visão do que vem a ser a missão na teologia de João. O enviado de Deus tem por missão reconhecer uma presença na realidade da vida e testemunhar essa presença. "Eu vi e dou testemunho". O conteúdo de sua missão o precede. Ele não traz nada senão a certeza de que existe uma presença salvífica que ele deve descobrir e ajudar a descobrir. João veio em nome de Deus e cumpriu a sua missão, designando a Jesus como aquele que vem batizar no Espírito Santo. Ele ainda apontará Jesus como o "Cordeiro de Deus", dando assim a dois dos de seus próprios discípulos a oportunidade de seguirem a Jesus e de se tornarem os seus primeiros discípulos. O missionário não trabalha para si, mas para quem o enviou.

Jesus, aos poucos, vai se revelando e, ao se revelar, revela quem o enviou. Um trabalho interessante seria anotar quantas vezes Jesus fala de "quem me enviou" Às vezes, identifica a pessoa, outras vezes não, mas sempre o contexto permite entender que se trata do Pai. Ele se identifica plenamente com quem o enviou: "O meu alimento é fazer a vontade daquele que me enviou e realizar a sua obra" (João 4, 4). Essa identidade entre o Pai que envia e o Filho que é enviado é tão profunda que cria uma comunhão de vida e ação: o enviado faz o que faz quem o enviou e por isso merece a mesma honra: "Quem não honra o Filho, não honra o Pai que o enviou" (João 5, 23).

As obras de Jesus testemunham quem ele é, mas também o Pai testemunha em seu favor: "Tais obras eu as faço e elas dão testemunho de que o Pai me enviou. Também o Pai que me enviou dá testemunho de mim" (João 5, 36-37) "Vim em nome de meu Pai mas não me acolheis" (João 5, 43).

O Cristo de João é consciente da missão recebida e de quem a recebeu. "Assim como o Pai que vive me enviou e eu vivo pelo Pai, também aquele que me come viverá por mim" (João 6, 57). "Minha doutrina não é minha, mas daquele que me enviou" (João 7, 16). "Não vim por minha própria vontade, mas é verdadeiro aquele que me enviou. Eu, porém, o conheço, porque dele procedo e ele foi quem me enviou" (João 7, 28-29).

3.2. Quem é enviado

Logo no início da vida pública de Jesus, João dá o seu testemunho, afirmando ter reconhecido o enviado de Deus. Ele designa Jesus por vários nomes e todos se referem ao Messias: "eleito de Deus" ("servo sofredor", segundo Isaías), "Cordeiro de Deus" (outro nome atribuído ao servo e imagem do Messias, na tradição judaica). Ele também é aquele que batiza no Espírito Santo. Para João, Jesus ainda é aquele de quem ele não é digno de desatar a correia da sandália. É uma possível alusão ao costume de desatar a sandália para lançá-la no terreno do qual a pessoa se tornava proprietária. João não é o dono da missão, muito menos do povo que Jesus vem resgatar (o verdadeiro Goél-redentor-resgatador é Jesus). Nesse sentido, seria a mesma alusão ao amigo do esposo, feita por João em 3, 29-30. O amigo do esposo era aquele amigo mais íntimo que trazia até o esposo a jovem esposa.

É possível que haja uma referência à divindade de Jesus, quando João afirma: "Depois de mim vem um homem que passou adiante de mim porque existia antes de mim" (João 1, 30). Uma coisa é certa, no livro de João, Jesus é o Messias, o enviado de Deus; João é uma simples testemunha, como ele mesmo afirma a quem veio lhe perguntar: "Quem és tu?", ele respondeu: "Eu não sou o Cristo" (João 1, 20).

É Jesus mesmo que vai revelar quem é em sua essência profunda, além de sua existência humana. De fato, ao revelar quem o enviou, Jesus revela-se como o enviado, mas como o Filho, pois é o Pai quem o enviou. Para os judeus, essa é certamente a revelação mais chocante, pois entendem muito bem que Jesus se faz o igual de Deus: "Nós não te lapidamos por causa de uma boa obra, mas por blasfêmia, porque sendo apenas homem, tu te fazes Deus" (João 10, 33). Jesus realiza a sua missão tanto pelas palavras, seus ensinamentos, como pelas suas ações: "A palavra que ouvís não é minha, mas do Pai que me enviou" (João 14, 24). "O Filho por si mesmo, nada pode fazer, mas só aquilo que vê o Pai fazer; tudo o que este faz, o Filho o faz igualmente. Porque o Pai ama o Filho e lhe revela tudo o que faz" (João 5, 19-20).

A vida plena encontra-se no reconhecimento de quem é Deus, mas também de quem Ele enviou: "A vida eterna é esta: que eles te conheçam a ti, o Deus único e verdadeiro, e aquele que tu enviastes, Jesus Cristo" (João 17, 3).

Enviado do Pai, Jesus é a plena revelação de quem o enviou: "Quem me viu, viu o Pai" (João 14, 9). Existe uma perfeita identificação entre quem envia e quem é enviado. Característica típica dessa pedagogia progressiva na revelação de quem é o enviado de Deus, nós encontramos no diálogo de Jesus com a samaritana. Esse diálogo torna-se um excelente exemplo de diálogo missionário. Em primeiro lugar, a mulher espanta-se com o fato de que um judeu possa falar com uma samaritana pelo fato de ser samaritana, mas podemos acrescentar pelo fato de ser ela uma mulher e encontrar-se num lugar público. Depois vai se espantar, perguntando-se se o seu interlocutor é maior do que o pai Jacó, isto é, é maior do que os patriarcas. Assim, ela chega a reconhecer nele um profeta, talvez o profeta que os samaritanos, adeptos do Pentateuco, esperavam como um outro Moisés (Deuteronômio 18, 18). Ao se declarar como o profeta-Messias, Jesus dá a entender muito mais, pois afirma: "Sou eu", que é o nome divino. Recebemos nessa narração uma grande lição de missiologia por parte de Jesus e das comunidades joaninas. O missionário parte da realidade preocupante do seu interlocutor e, aos poucos, o leva à revelação plena.

Por sinal, a finalidade da escrita do livro de João foi a mesma: "Estes sinais foram escritos para crerdes que Jesus é o Cristo, o Filho de Deus e para que, crendo, tenhais a vida eterna em seu nome" (João 20,31).

3. 3. Quem envia a mensagem?

Essa identificação entre o enviado e quem o envia intensifica ainda mais quando consideramos a mensagem da qual o enviado foi encarregado. Jesus afirma: "Eu vim para que todos tenham a vida e a vida em abundância" (João 10,10). Ora, essa vida plena, eterna, é a vida mesma de Deus, é participação à comunhão na vida trinitária. "A vida eterna é que eles te conheçam a ti, o Deus único e verdadeiro, e aquele que enviaste, Jesus Cristo" (João 17, 3). Essa vida plena ou eterna que Jesus traz é simbolizada de muitas maneiras no Evangelho segundo São João.

É a água da vida, água viva que sacia todo tipo de sede e para sempre (João 4, 4). Essa água jorra do coração do crente em rios abundantes (João 7, 37-3). Essa água viva que Jesus oferece é próprio Espírito Santo que ele dá com a sua morte e ressurreição.

A vida é o pão descido do céu, maná muito superior ao maná dado por Deus no deserto. É o pão da vida (João 6, 48-51a).

É a luz que ilumina e dá a visão profunda das coisas e das pessoas. Quem recebe e segue essa luz não anda nas trevas (João 9, 39). É vida restituída para quem já morreu (João 11, 25-27).

A vida é o próprio Jesus, pois é do seu lado aberto pelo golpe da lança que jorra a água viva, definitiva, fonte de salvação para quem crê (João 19, 34). Jesus é a própria mensagem que o Pai nos enviou. Por isso a salvação encontra-se na aceitação (fé) do enviado de Deus: crer que ele é o Cristo (Messias), o Filho de Deus, a fonte da fé e, portanto, da vida e da vida plena (João 20, 30-31).

Jesus identifica-se plenamente com a sua missão, tornando-se Ele a própria missão. Assim Jesus, enviado do Pai, identifica-se com quem o envia e com a mensagem de quem o envia.

3. 4. Os destinatários da mensagem

Como já mencionamos, a mensagem é dirigida a todas e todos, à humanidade na sua integralidade. Na aula sobre os fundamentos da missão na Bíblia, já foi mostrado que, no Evangelho segundo São João, existe uma apresentação universal da missão. De fato, existe o que os biblistas chamam de "inclusão" entre o início do segundo capítulo do livro de João e o fim do quarto capítulo. O segundo capítulo inicia com a narração das "bodas de Caná". Essa narração termina com as seguintes palavras: "Este início dos sinais, Jesus o fez em Caná da Galiléia..." (João 2, 11). O quarto capítulo termina com estas palavras: "Foi este o segundo sinal que Jesus realizou ao voltar da Judéia para a

Galiléia (João 4, 54). E foi novamente em Caná da Galiléia (João 4, 46). Entre essas duas afirmações, Jesus percorreu o caminho que leva da Galiléia para a Judéia e Jerusalém, caminho da missão realizada, caminho que leva até a hora da glorificação. Mas como a hora ainda não chegou (João 2, 4), ele volta para a Galiléia. Nesse percurso, Jesus dá sinais de sua missão, manifesta a sua glória (a glória é o poder libertador de Deus, como Javé manifestou a sua glória no primeiro êxodo - Êxodo 15, 21). A glória manifesta, portanto, a libertação que Jesus traz em nome do Pai.

Nesses três capítulos, a Boa Nova é apresentada a três grupos de pessoas ou, melhor dizendo, a três pessoas que representam grupos determinados de pessoas. Nicodemos representa o judaísmo oficial (Sinédrio, sinagoga, fariseus...). A samaritana representa o judaísmo heterodoxo, os grupos que interpretam a fé em Javé, Deus de Israel, de modo muito diferente do judaísmo oficial. Assim, os samaritanos aceitam unicamente o Pentateuco e têm o Monte Garizim como lugar de culto e não o templo de Jerusalém. Enfim, o oficial real, provavelmente a serviço do tetrarca Herodes, um não judeu, um pagão. A cada um a Boa Nova é anunciada a partir de sua maneira de crer, de viver a sua fé. Essa universalidade da Boa Nova é também expressa no fim do episódio da samaritana. As pessoas da aldeia chegam até Jesus, a partir do testemunho da samaritana e o reconhecem como Messias, "salvador do mundo" (João 4, 42). Podemos constatar também que a samaritana, assim como João, no início da vida pública de Jesus, viu e foi dar o seu testemunho aos seus conterrâneos: "Venham ver um homem que me disse tudo o que eu fiz" (João 4, 29). A missão da samaritana foi conduzir a Jesus os seus vizinhos e conhecidos a partir do que ela testemunhou. Chegando junto de Jesus, as pessoas vão por si mesmas acreditar: "Já não é mais por causa da tua palavra que acreditamos. Nós próprios o ouvimos e sabemos que este é verdadeiramente o salvador do mundo" (João 4, 41-42).

Há no livro de João um outro episódio que relata essa universalidade da missão. "Havia alguns gregos que subiram a Jerusalém para a festa. Disseram a Filipe: Queremos ver Jesus" (João 12, 20-21). Esses gregos são provavelmente de raça não hebraica, mas praticantes da religião judaica, eram chamados tementes a Deus ou prosélitos. Jesus toma consciência de que sua missão vai além do povo da Palestina, além do povo judeu. "É chegada a hora em que o Filho do Homem será glorificado... e quando eu for elevado da terra, eu atrairei todos a mim"(João 12, 23 e 32). De novo aqui constatamos que a missão de Filipe é levar os gregos para Jesus. Eles querem ver Jesus e o apóstolo vai facilitar esse encontro, como já o fez com Natanael (João 1, 46: "Vem e vê").

A missão dos discípulos, portanto, consistirá, essencialmente, em testemunhar o que ouviram e viram: "O que ouvimos, o que vimos com os nossos olhos, o que contemplamos e nossas mãos apalparam da Palavra da vida, nós vimos e damos testemunho" (1 João 1, 1-2). E a missão será permitir que se estabeleça uma relação entre o evangelizado e Deus. Foi essa a missão de Jesus: "Não mais vos chamo de servos, porque o servo não sabe o que o seu senhor faz; mas eu vos chamo de amigos, porque tudo o que ouvi do Pai, eu vos dei a conhecer" (João 15, 15).

3.5. O prólogo, síntese da missão segundo São João

Se olharmos, em primeiro lugar, a forma literária dada ao texto (João 1, 1-18), perceberemos rapidamente que ele está escrito em forma de "quiasma". Os últimos versículos do texto retomam a mesma idéia apresentada nos primeiros e assim por diante, os penúltimos com os segundos, etc. Vejamos:

- A Versículos 1 e 2: "No princípio era o Verbo...".
- B Versículo 3: "Tudo foi feito por meio dele".
- C Versículos 4 e 5: "Nele estava a vida".
- D Versículos 6 a 9: "Houve um homem enviado por Deus".
- E Versículos 10-11: "Ele estava no mundo".
- F Versículos 12 e 13: "se tornar filhos de Deus".
- E Versículo 14: "o Verbo se fez carne".
- D Versículo 15: "João dá testemunho".
- C Versículo 16: "De sua plenitude recebemos a graça".
- B Versículo 17: "A Lei foi dada por Moisés".

A Versículo 18: "Ninguém jamais viu a Deus."

Ao começar o prólogo, o evangelista nos situa no seio da Santíssima Trindade, na comunhão de Deus: lá está o Verbo, a Palavra, a Ação (DABAR), o Logos, Ele está com Deus, Ele é Deus.

No fim do prólogo, voltamos para o seio do Pai, de onde veio a Palavra, o Filho unigênito: só ele tem o poder de nos falar do Pai, de nos explicar o Pai (exêgêto=fazer a exegese). A Palavra veio do Pai e volta para o Pai (João 13, 1). Esse é o percurso missionário de Jesus, o estatuto teológico da história terrestre de Jesus de Nazaré, o Verbo encarnado.

A Palavra que está, desde toda eternidade, junto do Pai, voltando para o seio do Pai, é Palavra de vida, Ela cria a vida (João 4, 46-54: o segundo sinal em Caná da Galiléia. "Teu filho vive").

Essa vida é poder chegar ao pleno conhecimento de Deus, que é "graça e verdade". "Graça e verdade" é tradução grega de "amor e fidelidade", ou seja, do nome de Deus "Hesed we 'emet" (Êxodo 34, 6; Oséias 2, 21-22; Salmo 103, 8).

Jesus veio (enviado do Pai) para nos transmitir uma boa nova (Evangelho) que não consistiu numa Lei (Torah), como foi a missão de Moisés, mas veio nos revelar uma pessoa. Somente o Filho que está, desde toda eternidade, no seio do Pai podia nos revelar o Pai, como já vimos. Assim, temos quem envia, quem é enviado e a mensagem a ser transmitida. Os destinatários são todos aqueles que, recebendo o testemunho do Filho que revela o Pai, vão crer na mensagem e assim poderão se tornar filhos de Deus: aí está o coração do prólogo, os versículos 12 e 13. Eles, no quiasma, não têm correspondentes, eles são como o miolo do texto. Às vezes, pensamos que a mensagem central do texto encontra-se no versículo 14: "E Verbo se fez carne". Mas, na realidade, o Verbo se fez carne em função de uma missão. Essa missão é nos dar a possibilidade de nos tornarmos filhos de Deus e, ao mesmo tempo, é a realização da missão. Nisto consiste a vida (João 17, 3): entrar na comunhão trinitária, conhecer a Deus e ao seu Filho que ele enviou.

4. PERGUNTAS, TAREFAS, PESQUISAS

4.1. Propostas de aprofundamentos

1. A comunidade joanina (João 13 a 17): o testamento de Jesus.

Após a leitura desses capítulos, tente responder às seguintes perguntas: em que consiste a missão da comunidade?

A quem se dirige essa missão?

Quais os meios que a comunidade recebe para realizar essa missão?

A comunidade é enviada. O que vai acontecer com ela? Como deve se preparar?

2. Ler o capítulo 1, 19 a 51.

Notar todos os títulos (nomes) que são dados a Jesus.

O que esses nomes nos revelam da figura e da missão de Jesus?

É possível definir quem o enviou e para quê?

3. Ler o prólogo de João 1, 1-18.

Depois de reler e de definir quem envia, quem é enviado, para que e para quem é enviado, tente encontrar o desenvolvimento desses pontos no resto da obra de João, principalmente nos capítulos 1,19 até 12,51.

4. Como a missão parece e é apresentada no livro da Paixão, Morte e Ressurreição de Jesus (João 18 a 20).

5. Quais são os aspectos missionários que podemos levantar no capítulo 21 do livro de João?

4.2.Vídeo

O Evangelho segundo São João, apresentação do Evangelho pelo padre Bertolini, em aulas. Produção da Paulus.

5. BIBLIOGRAFIA

5. 1 Livros:

Mateos Juan e Barreto Juan, *O Evangelho de João. Grande comentário bíblico*. São Paulo, Paulinas, 1989.

Mateos Juan e Barreto Juan, *Vocabulário Teológico do Evangelho de João*. São Paulo, Paulinas, 1989.

R.E. Brown, *A comunidade do discípulo amado*. São Paulo, Paulinas, 1984.

Rubeaux Francisco, *Mostra-nos o Pai. A Palavra na vida*. CEBI 1989.

Cadernos Bíblicos. Ed. Paulus.

O Cristo no Evangelho de João. São Paulo, Paulus.

Evangelho segundo São João. São Paulo, Paulus.

5.2. Revistas:

RIBLA: *Revista de Interpretação Bíblica Latino- Americana*. Petrópolis, Vozes.

No. 22 Cristianismos originários (30-70 d.C.)

No. 17 A tradição do discípulo amado.